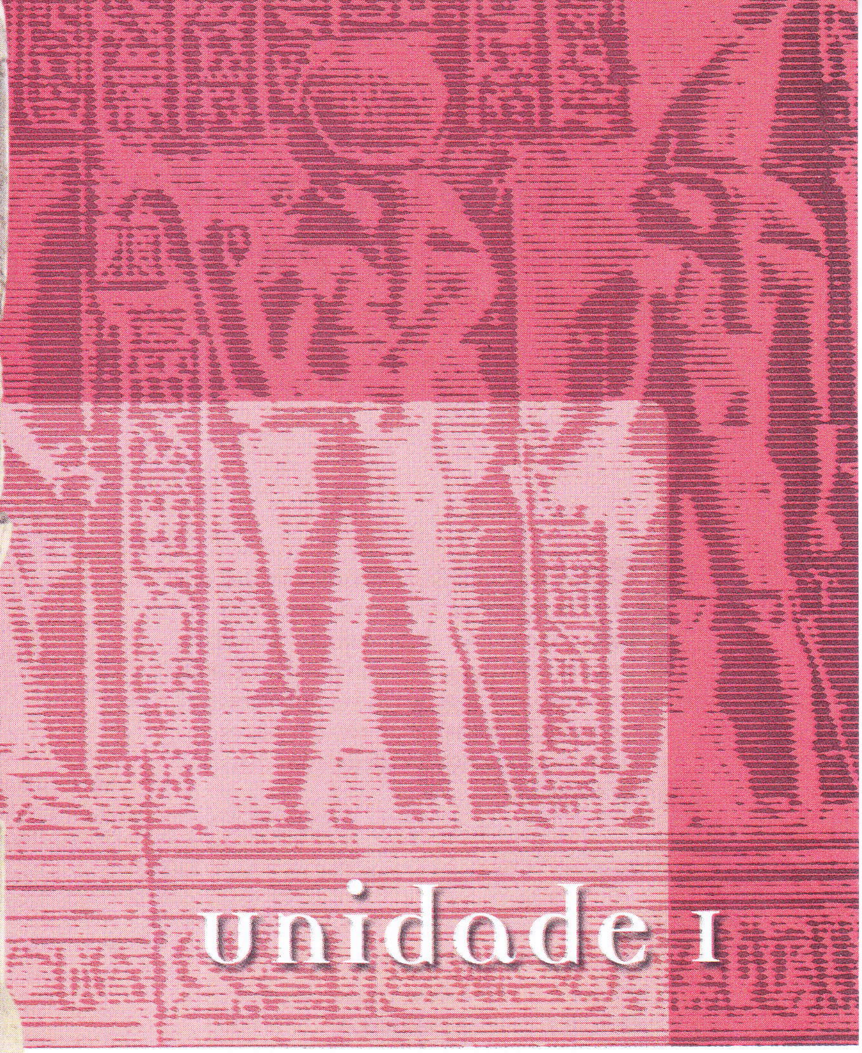
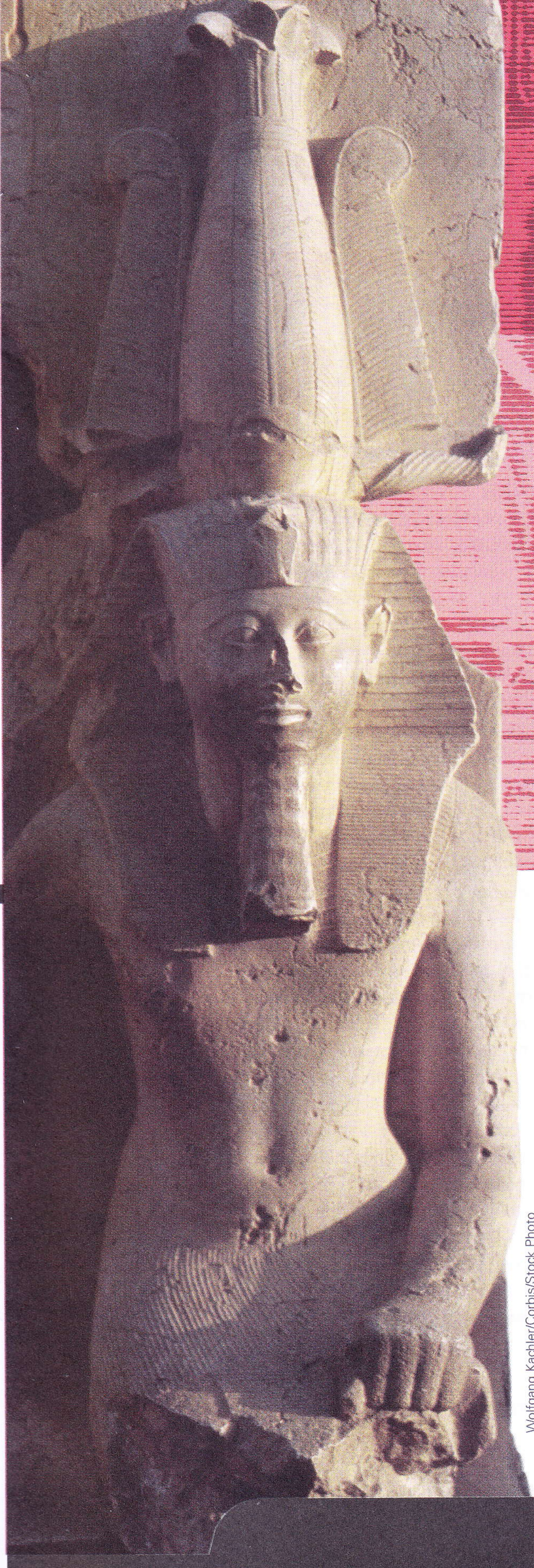


unidade I



Wolfgang Kachler/Corbis/Stock Photo

ANTIGUIDADE ORIENTAL

O FIM DO COLETIVISMO PRIMITIVO

Na Antiguidade, a dissolução das comunidades primitivas resultou na criação de duas formas principais de organização socioeconômica: as sociedades baseadas nos regimes de servidão coletiva (sociedades asiáticas); e as sociedades escravistas (especialmente, as sociedades clássicas grega e romana).

Neolítico – fase de transição

O período Neolítico foi marcado pela transição do coletivismo do período pré-histórico à verdadeira noção de propriedade dos tempos históricos. Foi a transição das aldeias e vilas para as cidades e destas para o nascimento dos grandes Estados. A produção de grãos deu origem ao celeiro, e este, por sua vez, originou uma muralha de proteção.

Logo foi preciso formar-se um exército para defender o celeiro. Com isso, surgiu o poder para controlar o excedente e a figura do administrador, ao qual cabia fixar os impostos e registrar os sacos de trigo produzidos. Ao mesmo tempo, consolidava-se a existência do templo e do palácio. Erigiam-se assim os pilares de um mundo novo, bem diverso do da Pré-história.

Considerando vários indícios e até mitos conhecidos da Mesopotâmia e do Egito, é possível imaginar uma simbiose entre caçadores, pastores e agricultores, a qual acabou originando um poder dominante.

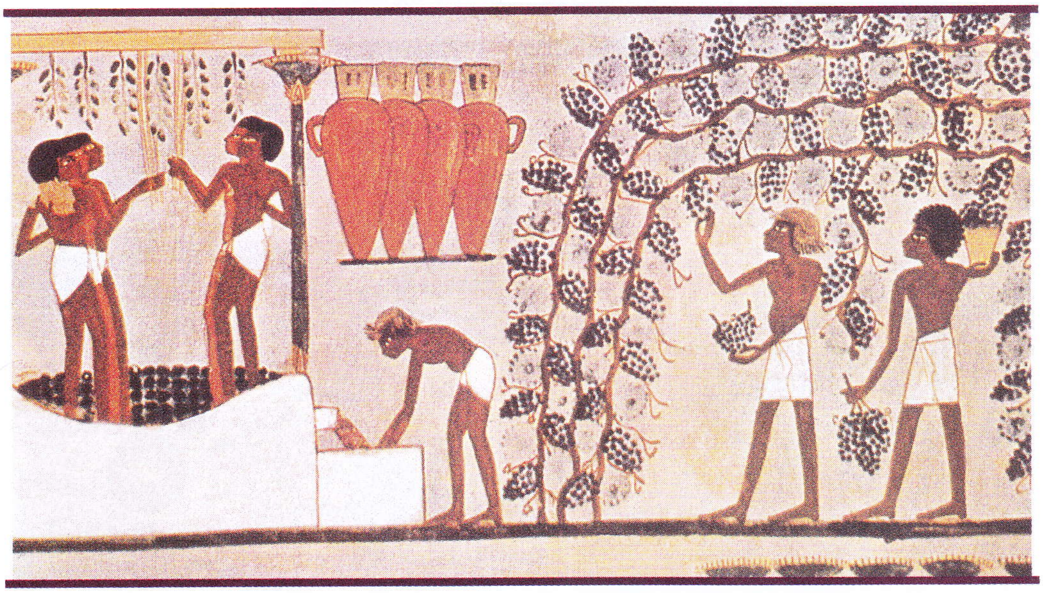
"Ambas as vocações exigem liderança e responsabilidade, no alto, e requerem dócil mansidão, embaixo. Contudo, a do caçador exaltava a vontade de poder e acabava por transferir sua perícia em matar animais de caça para a vocação mais altamente organizada de arregimentar ou matar outros homens; enquanto que a de pastor se movia no sentido de vencer a força e a violência e da instituição de certa medida de justiça, por meio da qual até mesmo o membro mais fraco do rebanho podia ser protegido e alimentado. Certamente a coesão e a persuasão, a agressividade e a proteção, a guerra e a lei, o poder e o amor, achavam-se igualmente solidificados nas pedras das mais antigas comunidades urbanas, quando estas finalmente tomaram forma. Quando surgiu a realeza, o senhor da guerra e o senhor da lei tornou-se também o senhor da terra.

Se é verdade que tudo isso constitui, necessariamente, uma extrapolação mítica com base em fatos conhecidos, ainda assim pode dar uma idéia de como as oferendas voluntárias vieram a se transformar em tributos, e de como os próprios tributos, mais tarde, se tornaram regulares, sob a forma de impostos, taxas, trabalho forçado, oferendas propiciadoras e até mesmo sacrifícios humanos."

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*, p. 38.

As aldeias e vilas neolíticas, especialmente onde havia agricultura intensiva, evoluíram para a formação de cidades e resultaram na formação das primeiras grandes civilizações da humanidade. Nos vales de importantes rios floresceram estas primeiras culturas, como a mesopotâmica, entre os rios Tigre e Eufrates; a egípcia, no rio Nilo; a indiana, no rio Indo; e a chinesa, no rio Amarelo.

Essas sociedades orientais da Antiguidade, especialmente a egípcia e a mesopotâmica, desenvolveram-se em regiões semi-áridas, que necessitavam de grandes obras hidráulicas para o cultivo agrícola. Assim, a organização político-social acabou-se estruturando em torno da terra e dos canais de irrigação. O Estado organizava a produção comunitária das aldeias, controlando diques e canais, apropriava-se, por meio da tributação, dos excedentes produzidos e, em troca, realizava obras públicas e serviços administrativos.



Colheita de uvas para produção de vinho numa pintura egípcia feita em uma tumba na cidade de Tebas. O Estado constituía o eixo das primeiras civilizações asiáticas, devido à necessidade de controle das grandes obras de irrigação.

Nessas sociedades, onde predominava a servidão coletiva, o indivíduo explorava a terra como membro da comunidade e servia ao Estado, proprietário absoluto dessa terra, personificado, no Egito, pelo faraó e, na Mesopotâmia, pelo imperador. Nessas comunidades, o comércio e o artesanato tinham função secundária, apresentando-se pouco dinâmicos. A essa estrutura socioeconômica baseada no Estado despótico e no controle da produção agrícola comunitária, sustentada por grandes obras hidráulicas, damos o nome de **modo de produção asiático** ou **sistema de servidão coletiva**.

Diferentemente das sociedades da Antiguidade oriental, em sociedades como a grega e a romana, em que a metalurgia tivera grande desenvolvimento, a superação das comunidades coletivistas do Neolítico levou ao surgimento da propriedade privada e, conseqüentemente, à utilização da mão-de-obra escrava. O Estado constituía, nessas sociedades, o principal instrumento de poder do grupo privilegiado, assegurando e ampliando seu predomínio.

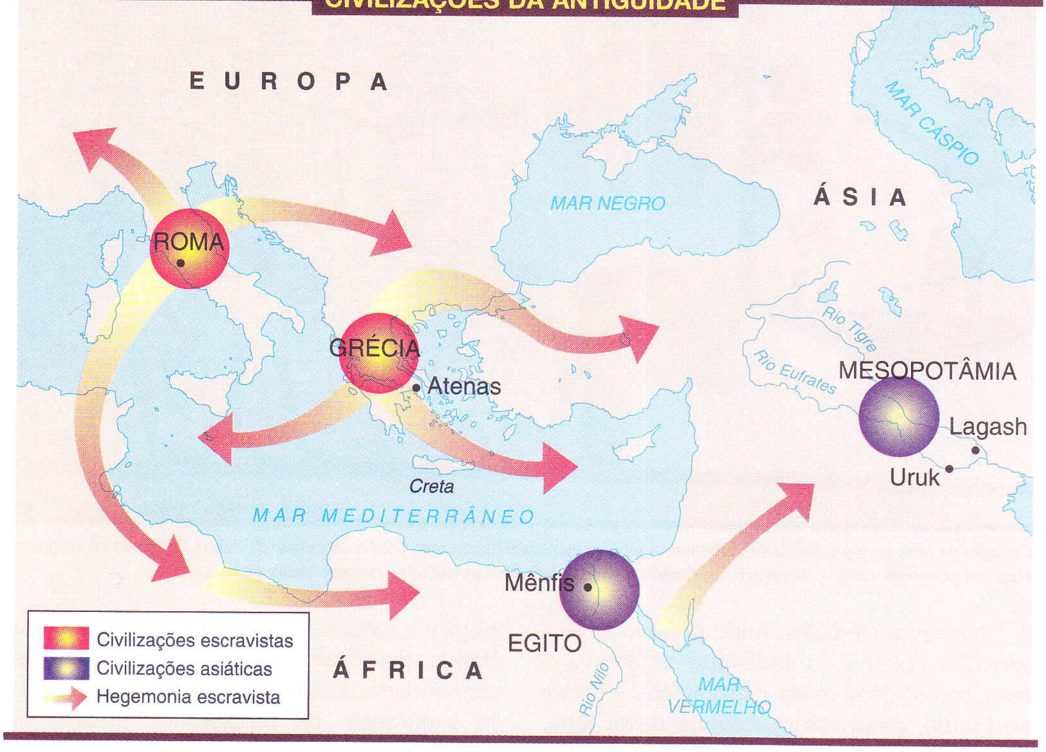
No período da chamada Antiguidade Clássica, em que se desenvolveram as sociedades grega e romana, as cidades tornaram-se grandes centros de prosperidade material e intelectual, além de importantes núcleos políticos. As bases desse progresso encontravam-se no campo, cujas atividades econômicas, principalmente a produção de trigo, azei-

te e vinho, enriqueciam os proprietários agrários e impulsionavam as atividades urbanas, como as trocas comerciais e o artesanato.

O comércio inter-regional de produtos agrícolas e objetos artesanais, como vasos, ânforas, estátuas, tornou-se muito dinâmico. A navegação, por conseqüência, adquiriu grande importância, passando o mar Mediterrâneo a constituir o mais importante canal de comunicação da Antiguidade.

A produção de excedentes, necessária para a intensificação das trocas comerciais e, portanto, para o progresso econômico dessas sociedades, era garantida pela ampla utilização da mão-de-obra escrava. O desenvolvimento do **modo de produção escravista**, que atingiu sua plenitude em Roma, está intimamente relacionado ao caráter expansionista das cidades-estados gregas e do Estado romano. Foi a conquista permanente de outros territórios e a escravização dos povos vencidos que possibilitaram a manutenção do modo de produção escravista nessas sociedades.

CIVILIZAÇÕES DA ANTIGUIDADE



As civilizações asiáticas do Egito e da Mesopotâmia foram sobrepujadas, ao longo da Antiguidade, pelas civilizações escravistas grega e romana.

Vale destacar o uso do termo "ser civilizado" como sinônimo de educação, bons costumes e progresso que, por vários séculos, serviu como contraposição a outros povos, especialmente para aquelas culturas diferentes da européia, consideradas incivilizadas ou atrasadas. Isso nos leva à questão de que a história depende de quem interpreta as fontes e as escreve.

A construção de um passado histórico estará sempre relacionada aos interesses e à posição daquele que olha o passado para poder justificar o seu presente. Por isso, se levarmos em conta as civilizações apresentadas nesta unidade – em detrimento de outras também importantes na Antiguidade –, não devemos esquecer que essas escolhas se devem principalmente à influência dessas

civilizações para a posterior história européia ocidental, de onde deriva a formação das histórias da América, e onde primeiro houve a preocupação de se escrever uma história universal. Da mesma forma, o termo "civilização" não quer dizer um estágio mais avançado, mas sim certas características como as apontadas a seguir:

Civilização

"Uma civilização, via de regra, implica uma organização política formal com regras estabelecidas para governantes e governados (mesmo que autoritários e injustos); implica projetos amplos que demandem trabalho conjunto e administração centralizada (como canais de irrigação, grandes templos, pirâmides, portos, etc.); implica a criação de um corpo de sustentação do poder (como a burocracia de funcionários públicos ligados ao poder central, militares, etc.); implica a incorporação das crenças por uma religião vinculada ao poder central, direta ou indiretamente (os sacerdotes egípcios, o templo de Jerusalém); implica uma produção artística que tenha sobrevivido ao tempo e ainda nos encante (o passado não existe em si, senão pelo fato de nós o reconstruirmos); implica a criação ou incorporação de um sistema de escrita (os incas não preenchem esse quesito, e nem por isso deixam de ser civilizados); implica, finalmente, mas não por último, a criação de cidades."

PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo, Atual, 1987. (Coleção Discutindo a História, p. 45.)